

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE CONHECIMENTO DE ARTES E ARQUITETURA**

PAULA ANTONIAZZI DOS SANTOS

**A DEFICIÊNCIA VISUAL E O ACESSO CULTURAL:
RELAÇÕES ENTRE VISUALIDADE E COMPREENSÃO DA ARTE**

**CAXIAS DO SUL
2019**

PAULA ANTONIAZZI DOS SANTOS

**A DEFICIÊNCIA VISUAL E O ACESSO CULTURAL:
RELAÇÕES ENTRE VISUALIDADE E COMPREENSÃO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Área do Conhecimento de Artes e Arquitetura da Universidade de Caxias do Sul como requisito para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Sinara Maria Boone.

**CAXIAS DO SUL
2019**

PAULA ANTONIAZZI DOS SANTOS

**A DEFICIÊNCIA VISUAL E O ACESSO CULTURAL:
RELAÇÕES ENTRE VISUALIDADE E COMPREENSÃO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Área do Conhecimento de Artes e Arquitetura da Universidade de Caxias do Sul como requisito para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a. Ma. Sinara Maria Boone.

Aprovada em: 03 de dezembro de 2019

Banca examinadora

Prof.^a. Ma. Sinara Maria Boone (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a. Dra. Mara Aparecida Magero Galvani (Convidada)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Dedico este trabalho para todas aquelas pessoas que lutam a favor da igualdade. Para as “*Alines e Denises*” que buscam incessantemente pela acessibilidade e autonomia das pessoas com deficiência. Vocês me inspiram.

AGRADECIMENTOS

Sou grata pela minha família, que sempre apoiou as minhas decisões e escolhas. O carinho, a dedicação e a empatia de meus pais - Pedro e Adiles - em relação a minha educação me dão forças para continuar a buscar novos conhecimentos. À minha irmã - Pâmela - que me auxiliou com sua experiência acadêmica e a nossa cachorrinha - Bela - pela companhia durante as horas de estudos.

Agradeço o apoio e incentivo do meu namorado - Arthur - que não mediu esforços para me manter calma e confiante durante todo o processo de pesquisa e estudo.

Agradeço minha orientadora Sinara, que com seu conhecimento e experiência na área me inspirou a realizar esta pesquisa. A confiança no meu potencial fez com que eu concluísse essa etapa e me apaixonasse ainda mais pela Arte e Educação.

Agradeço às minhas colegas de trabalho pelo incentivo e disponibilidade em relação à minha formação acadêmica. Suas palavras de motivação fizeram diferença na minha caminhada.

Ao Programa de Integração e Mediação do Acadêmico (PIMA) da Universidade de Caxias do Sul, que me ensinou muito sobre acessibilidade e oportunizou experiências e desafios enriquecedores para minha formação profissional e pessoal.

*“Ajude-me a crescer, mas
deixe-me ser eu mesmo.”*

Maria Montessori

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma análise de alguns museus e das necessidades das pessoas com deficiência visual em contextos culturais, quais são as medidas que alguns museus tomaram para tornar acessível o ambiente. Uma reflexão da arte acessível e sua importância na Educação. Analisa alguns museus e obras adequadas para o público deficiente visual. Pretendeu-se identificar quais são as necessidades e adequações que os museus e exposições tem feito em relação às pessoas cegas e baixa visão. Buscou-se também evidenciar a arte na vida das pessoas e como é o seu acesso diante a deficiência visual.

Palavras-chave: Acessibilidade. Deficiência visual. Arte. Adequações. Espaços Culturais. Recursos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visitante com deficiência visual em contato com escultura na Design Weekend.....	21
Figura 2 - Imagem disponível no site Cooper Hewitt sobre a exposição	27
Figura 3 - Homem com baixa visual visualizando obra	30
Figura 4 - Fotografia de Evgen Bavcar	32
Figura 5 - Fotografia de Evgen Bavcar	33
Figura 6 - Fotografia de Evgen Bavcar	34
Figura 7 - Fotografia número 951 do dia 23 de abril de 2012	35
Figura 8 - Sargy Mann pintando uma de suas telas	36
Figura 9 - John Bramblitt pintando uma tela	37
Figura 10 - Pintura de John Bramblitt nomeada de Ramones	38
Figura 11 - <i>Movement #5</i> de John Bramblitt	39
Figura 12 - Pessoa cega tocando a obra de El Greco	41
Figura 13 - <i>Print Screen</i> da página do site com as obras que são acessíveis em 3d.....	42
Figura 14 - Mulher conduz homem cego com uso da bengala branca em piso tátil..	44
Figura 15 - Usuários da APADEV em visita ao Museu de História Natural da UCS.....	45
Figura 16 - Fotografia da sala de escultura da APADEV	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

AD - Audiodescrição

APADEV - Associação dos Pais e amigos dos Deficientes Visuais

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NVDA - NonVisual Desktop Access

PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais

PIMA - Programa de Integração e Mediação do Acadêmico

UCS - Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VISUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL: COMO O CEGO VÊ	16
2.1 DEFICIÊNCIA VISUAL	17
2.1.1 CEGUEIRA	18
2.1.2 BAIXA VISÃO	19
3 A ARTE E A DEFICIÊNCIA VISUAL	20
3.1 PAPEL DA ARTE NA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: DA ESCOLA PARA O MUNDO	22
4 CULTURA E ACESSIBILIDADE: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS DE ESPAÇOS CULTURAIS	26
4.1 MUSEUS	26
4.1.1 MUSEU SMITHSONIAN DE DESIGN — NOVA YORK	26
4.1.2 MUSEU DE ARTE ALOÍSIO MAGALHÃES (MAMAM) — RECIFE	28
4.1.3 MUSEU AFRO BRASIL — SÃO PAULO	28
4.1.4 MUSEU DO LOUVRE — PARIS	29
4.2 EXPOSIÇÃO ACESSÍVEL: “CORES DO SILÊNCIO”	29
4.3 ARTISTAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	30
4.3.1 EVGEN BAVCAR	31
4.3.2 AMY HILDEBRAND	34
4.3.3 SARGY MANN	35
4.3.4 JOHN BRAMBLITT	36
5 RECURSOS E TECNOLOGIAS ASSISTIVAS	40
5.1 IMPRESSORA 3D	40
5.2 AUDIODESCRIÇÃO DE IMAGENS	42
6. UMA EXPERIÊNCIA COM PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO	44
6.1 ENTREVISTA COM OFICINEIRA	48

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A — PROJETO DE CURSO	55
APÊNDICE B — DOCUMENTÁRIO JANELA DA ALMA	58
APÊNDICE C — DESCRIÇÃO DE IMAGENS	59

1 INTRODUÇÃO

A arte é essencial na vida das pessoas. Compreender a arte nos ajuda a compreender o mundo a nossa volta. Com ela, desenvolvemos nosso senso estético e crítico, além de ser uma das linguagens importantes para o desenvolvimento cognitivo das pessoas. Para a Educação Básica Brasileira, a arte é uma linguagem curricular obrigatória, conforme a BNCC¹.

A arte, por mais que esteja presente em diversos espaços na cidade: museus, exposições, na rua, nas escolas, entre tantas outras opções, ainda não está acessível para todos. A acessibilidade de um local é algo complicado, pois envolve políticas públicas que nem sempre são colocadas em práticas.

A experiência de trabalhar no Programa de Integração e Mediação do Acadêmico, na Universidade de Caxias do Sul, o PIMA², ajudou a autora a ter contato com pessoas com algumas deficiências e necessidades educacionais especiais. Realiza atualmente atividades como: adequações de materiais para os estudantes com deficiência visual (cegos e de baixa visão), acompanhamentos de estudantes e mediações em relação aos estudantes que necessitavam de alguma ajuda. O contato direto com pessoas com deficiências fez com que a pesquisadora se interessasse pelo tema da acessibilidade.

A falta de conhecimento e da informações que, constantemente, encaramos, nos desafiam a compreender melhor as necessidades das pessoas com alguma diferença. Por curiosidade e contato com as áreas do tema, o projeto oportunizou a pesquisar sobre a relação das pessoas com deficiências visuais em contextos culturais, como museus, galerias e exposições. A base teórica é extensa e há inúmeras publicações sobre o tema acessibilidade e inclusão. Desta maneira, a realização deste projeto de pesquisa se torna viável.

A questão da acessibilidade sempre foi tema de pesquisas e discussão de teóricos e pesquisadores. Inicialmente, ao refletirmos sobre a palavra “acessível”,

¹ Base Nacional Comum Curricular é um documento definido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, que direciona os currículos das escolas do Brasil, públicas e privadas nos três níveis da Educação Básica. O documento contém conhecimentos, competências e habilidades visando o desenvolvimento ético, político e estético dos estudantes. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

² O Programa de Integração e Mediação do Acadêmico da UCS, promove ações de mediações entre professores e estudantes, com foco na formação acadêmica e assuntos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem. Também acompanhamentos aos estudantes com alguma necessidade educacional especial, dentre elas, a deficiência visual.

podemos interpretar de diversas maneiras: acesso à informação, possibilidades de interpretação das obras de arte, leitura de imagem, bem como a inclusão de pessoas com deficiências nas questões arquitetônicas e de mobilidade.

A falta de conhecimento em arte e as poucas experiências com obras de arte, são alguns dos fatores que podem contribuir com o desinteresse das pessoas para buscar os museus e os espaços culturais e artísticos como opções de lazer e de conhecimento. Porém, a falta de acessibilidade ainda é a maior barreira que as pessoas, com alguma deficiência, enfrentam nestes locais.

Segundo dados do IBGE³, no último Censo Demográfico de 2010, há no Brasil, 45.606.048 pessoas que se declaram com alguma deficiência, por tanto, 23,9% da população brasileira. Esses dados fazem referência a uma minoria, que infelizmente ainda é excluída de ações sociais e culturais.

Por esses motivos, o trabalho visa oportunizar reflexão sobre a situação da pessoa com cegueira ou baixa visão no contexto da arte, por meio de pesquisa bibliográfica sobre autores que se aprofundaram sobre o tema, e também a partir da mediação de visita ao museu com um olhar inclusivo, considerando que a arte pode ainda estar distante das pessoas com alguma deficiência, mas que, ainda é uma opção muito significativa de cultura para todas as pessoas.

De acordo com o capítulo IX da Lei número 13.146, de 6 de julho de 2015, que trata do direito à cultura, ao esporte, turismo e ao lazer, e do artigo 42, definem-se três itens de extrema importância,

I - a bens culturais em formato acessível; II - a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; e III - a monumentos e locais de importância cultural e a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos (BRASIL, 2015, sem paginação).

É com este estatuto que se pode garantir a igualdade de oportunidades ao acesso à cultura e a acessibilidade a esses locais e suas diversas manifestações.

Sabe-se, no entanto, que muitos espaços não são acessíveis, pelo menos, não para todas as deficiências. Muitas vezes a adaptação dos espaços culturais se baseiam na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)⁴, com última validação

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁴ Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/pesquisas/?searchword=acessibilidade&x=0&y=0>>. Acesso em: 3 set. 2019.

em 2015. Neste documento há orientações de como adaptar espaços urbanos, tornando-os acessíveis. Em relação à deficiência visual, alguns itens que o documento traz são orientações e informações em relação a sinalização tátil e visual no piso, sobre os contrastes necessários para adequação de placas e cão-guia. É um material didático, com imagens que ilustram e exemplificam as normas. Um documento com escrita técnica e de fácil entendimento sobre como utilizar alguns recursos em relação a adequações físicas de um determinado local.

Pergunta-se, no entanto, como a pessoa com deficiência visual compreende o espaço cultural e obras de arte, em uma exposição? Para essa adaptação não há manual que detalhe o passo a passo ou o que e como se deve adequar para que essa visita seja qualificada e com significado para o visitante com deficiência.

Dessa maneira, esse trabalho também é uma tentativa de responder a algumas questões importantes, tais como:

- Para um professor de arte, um funcionário de uma galeria, um curador de uma exposição, quais são os principais aspectos que devem ser considerados em relação à pessoa com deficiência visual em uma visita a um espaço cultural?
- Como uma pessoa cega ou com baixa visão terá acesso ao espaço cultural de um museu e suas obras?
- O que é necessário os museus providenciarem ou acrescentarem aos seus planejamentos para receber pessoas cegas?

Para dar conta a essas questões, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e observação de um grupo durante uma aula prática de artes visuais. O trabalho proposto por esta pesquisa envolve a compreensão da arte em um espaço cultural, como museus, exposições e galerias, pela perspectiva da pessoa com deficiência visual, bem como de reflexões sobre as adequações necessárias em espaços culturais como exposições e museus, a fim de qualificar a experiência estética da pessoa com deficiência visual com a arte.

O estudo foi dividido em cinco partes, através de um resgate contemporâneo de experiências de museus e exposições com o público com deficiência visual, contextualização de artistas cegos e suas produções.

No segundo capítulo, visualidade e deficiência visual, aborda-se a reflexão sobre como as pessoas com deficiência visual compreendem o mundo ao seu redor, além das características biológicas da deficiência, categorizada em dois conceitos

básicos: cegueira e baixa visão. No capítulo seguinte, sobre a arte e a deficiência visual, analisa-se a importância de linguagem para as pessoas e as necessidades de adequações para o seu acesso e mobilidade. O quarto capítulo sobre cultura e acessibilidade, mostra como é a acessibilidade em alguns museus e espaços culturais brasileiros e internacionais. Apresentará também alguns artistas com deficiência visual e suas criações. O capítulo seguinte, traça algumas tecnologias assistivas e sua importância para a acessibilidade. O sexto capítulo descreve a experiência com pessoas cegas, a partir da observação de uma aula prática, com uma turma de pessoas com deficiências visuais.

Almeja-se que o trabalho contribua para uma reflexão sobre a importância da acessibilidade dos locais culturais para as pessoas com deficiência visual, a todas, inclusive, como podendo servir de referência para buscar espaços acessíveis e artistas com deficiência visual. A relevância deste estudo poderá auxiliar na organização de museus, exposições, e no planejamento de artistas e professores, adequando às necessidades das pessoas com deficiência visual.

2 VISUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL: COMO O CEGO VÊ

Ao longo da história, as pessoas que tinham alguma deficiência, seja ela visual ou de qualquer outro tipo, era caracterizada como algo estranho, por isso era excluído do convívio social. A própria sociedade valorizava as pessoas que tinham habilidades específicas, como atuação nas áreas de trabalho (força física, habilidades manuais, entre outras). As pessoas que não tinham essas habilidades ou que possuíam alguma limitação eram consideradas desnecessárias. Como explica Sonza *et al.* (2013, p. 23), houve um tempo em que pessoas com alguma dificuldade eram tratadas em algumas culturas, como “descartáveis” como o exemplo apresentado em que “em muitas sociedades, bebês que nasciam com algum tipo de deficiência eram exterminados por não serem considerados úteis à sobrevivência do grupo”. Hoje, imaginar uma situação assim é até criminoso, mas infelizmente esses pensamentos primitivos são ainda comuns. Povos hebreus e hindus tinham uma percepção diferente em relação à pessoa com deficiência: hebreus compreendiam a deficiência como castigo ou como uma maldição, já os hindus valorizavam as pessoas cegas, pois acreditavam que essas pessoas tinham algumas habilidades mais desenvolvidas.

No Brasil, até a década de 1950, as pessoas com deficiência eram direcionadas para instituições específicas, onde viviam suas vidas aprisionadas, sem chances de desenvolver suas potencialidades. Com a evolução das leis e engajamento político de familiares dessas pessoas, foram criados documentos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos⁵, e as pessoas começaram a refletir sobre as ideias de igualdade e liberdade. As leis possibilitaram que, aos poucos, pessoas com deficiência tivessem seus direitos dentro da sociedade, como serviços médicos, através de tratamentos e acompanhamentos especializados.

Essa ideia de modificar a pessoa para que ela possa ser igual às demais é ainda possível verificar em alguns contextos. Escolas que desejam turmas homogêneas, considerado o diferente um problema, são alguns dos exemplos de que incluir o diferente é um desafio rotineiro ainda hoje. Em relatos de professores, é possível identificar os desafios para o educador diante um estudante com alguma limitação ou deficiência.

⁵ Documento criado em 1948, que determina os direitos humanos básicos para as pessoas, como liberdade, igualdade e educação.

A deficiência visual no componente curricular Arte (BNCC) é, de fato, muito desafiadora. O próprio nome Artes Visuais não inclui, pois se trata de uma percepção biológica que a pessoa com deficiência visual não possui. O trabalho do professor deve se basear nas possibilidades do estudante com deficiência visual e por técnicas que hoje podem agregar na rotina escolar, como, as tecnologias assistivas.

2.1 DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência visual é uma condição que mais de 6,5 milhões de pessoas têm no Brasil. Seis milhões de brasileiros têm baixa visão e aproximadamente 582 mil são cegos. Segundo o censo de 2010, realizado pelo IBGE⁶, as causas da deficiência visual podem ocorrer de diversas formas, entre elas: os já nascidos com a deficiência (congenita), durante o parto, durante o crescimento, além de poder ser causada em decorrência de uma doença crônica ou, ainda, de um acidente.

A deficiência visual é classificada em dois grupos: a cegueira e a baixa visão ou visão subnormal. Conforme definida, na Portaria nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008, no Artigo 1, parágrafo primeiro, sobre as Redes Estaduais de Atenção à Pessoa com Deficiência Visual: “Considera-se pessoa com deficiência visual aquela que apresenta baixa visão ou cegueira”⁷. Sobre o que considerar baixa visão e cegueira, no mesmo Artigo e no segundo parágrafo diz:

§ 2º Considera-se baixa visão ou visão subnormal, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20º no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 de graus de comprometimento visual do CID 10) e considera-se cegueira quando esses valores encontram-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10º (categorias 3, 4 e 5 do CID 10) (BRASIL, 2008, sem paginação).

É importante entender que a deficiência visual congênita e a deficiência visual adquirida ao longo dos anos difere a forma de compreender o mundo ao seu redor. Para uma pessoa com deficiência visual congênita, a exploração do mundo visual se dá através de outros estímulos e a pessoa aprende a aprender de diferentes formas.

⁶ IBGE. Censo 2010: Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 02 set. 2019.

⁷ BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008**. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt3128_24_12_2008.html. Acesso em: 03 set. 2019.

Quando a perda total ou parcial da visão ocorre desde o nascimento ou nos primeiros anos de vida, a criança desenvolve um modo particular de ver as coisas ao redor, de explorar, de conhecer o entorno. Ela aprende a interagir com as pessoas e objetos a sua maneira, usando os sentidos remanescentes para perceber, organizar, compreender e conhecer (DOMINGUES, 2010, p. 8).

De maneira geral, podemos pensar que cada ser humano tem suas vivências e aprende a viver no mundo de sua maneira, com suas potencialidades e características. A deficiência visual não se tornará uma dificuldade para a pessoa se ela souber utilizar os outros sentidos e compreender suas necessidades e adaptações, como apontado a seguir.

2.1.1 CEGUEIRA

Sobre a cegueira congênita, Domingos (2010) aponta que a deficiência é causada por lesões que comprometem as funções do globo ocular. A pessoa já nasce sem enxergar e sem as percepções visuais do mundo exterior, ou seja, com perda total da visão.

Esta maneira de ver o mundo compreende um grupo de pessoas que se adaptam ao mundo visual de outras formas, por exemplo, utilizando sistemas e recursos táteis, que facilitam suas atividades rotineiras, tornando-as autônomas em relação a suas necessidades.

Pessoas que nascem ou perdem a visão ainda crianças são alfabetizadas através do sistema *Braille*⁸ e outros recursos como o *Soroban*⁹ e as tecnologias assistivas. Atualmente, é inserido na adaptação escolar alguns *softwares* livres leitores de tela, como o NVDA¹⁰ e o sistema DOSVOX¹¹, que auxiliam na escrita e na leitura.

Para quem perder a visão ao longo da vida, ocasionando como resultado a cegueira, há muitos desafios a serem encarados, como a adaptação de uma rotina visual para o uso de técnicas de mobilidade e adaptações. Há cursos e grupos de

⁸ Sistema de escrita tátil para pessoas cegas e baixa visão. Consiste em combinações de seis pontos em uma grade para formar letras, números e símbolos. DORINA NOWILL. **Fundação Dorina**. Disponível em: <https://www.fundacaodorina.org.br/>. Acesso em: 02 set. 2019.

⁹ Modelo de ábaco, um instrumento de cálculo que auxilia as pessoas com deficiência visual em contas matemáticas. Sua estrutura é formada por arames e esferas que se movem, permitindo a contagem dos itens.

¹⁰ NonVisual Desktop Access é um leitor de tela livre muito utilizado pelas pessoas cegas.

¹¹ DOSVOX: sistema operacional sintetizador de voz.

acolhimento em instituições especializadas e orientações em locais de saúde pública para esses casos.

2.1.2 BAIXA VISÃO

Conforme informações no site da Fundação Dorina Nowill¹², a Baixa Visão ou Visão Subnormal é quando a pessoa apresenta 30% ou menos de visão no melhor olho, mesmo após os procedimentos clínicos, cirúrgicos, correções e uso de óculos. Pessoas com baixa visão normalmente apresentam dificuldades no reconhecimento de detalhes e escritas pequenas. Para uma melhor qualidade de vida, é feita uma avaliação funcional da visão, que avaliará a sua eficiência e sua funcionalidade em relação ao uso do resíduo visual para a realização de tarefas diversas. De acordo com Celma dos Anjos Domingues (2010), a avaliação é possível verificar qual é o campo visual e a acuidade da visão. A acuidade visual é a capacidade visual dos olhos, já o campo visual seria o espaço periférico que a pessoa consegue enxergar.

Sobre o campo visual, que se refere a área total da visão, Domingues (2010, p. 9) observa: “Quando a perda ocorre no campo visual central, a acuidade visual fica diminuída, e a visão de cores pode ser afetada com possíveis alterações de sensibilidade ao contraste e dificuldade para ler e reconhecer pessoas.” Para pessoas com baixa visão são utilizados recursos como ampliação de fontes, adequações em relação ao contraste e distâncias.

¹² É uma Instituição sem fins lucrativos que auxilia pessoas com deficiência visual. Está localizada na cidade de São Paulo e dispõe de diversos serviços gratuitos para usuários e familiares. DORINA NOWILL. **Fundação Dorina**. Disponível em: <https://www.fundacaodorina.org.br/>. Acesso em: 02 set. 2019.

3 ARTE E DEFICIÊNCIA VISUAL

Até esse momento, tratamos sobre algumas características da pessoa com deficiência visual, o que explicita que as diferenças podem ser de ordem fisiológica, mas cognitivamente todos somos habilitados para as experiências artísticas. Para sua vivência em arte, é importante considerar suas especificidades, quando possível, adequar e mediar de forma mais qualificada, pois devemos sempre considerar a pessoa antes de sua deficiência, sendo que “a vida do deficiente é mais que a deficiência” (PADILHA, 2001, p. 40). Para existir significado e aprendizagem é necessário compreender o ser humano antes de suas limitações e suas deficiências. Considerar essas características é fundamental para adequar a forma e maneira de disponibilizar o conhecimento artístico no contexto cultural e educacional.

A arte tem um papel fundamental na vida das pessoas, seja na construção simbólica de significados, a interpretação das visões de mundo que o mundo da arte permite o espectador realizar, através da leitura de imagens, como também o uso das ferramentas para a expressão plástica através de desenho, pintura e de qualquer outra técnica. As criações e as leituras feitas devem ser apreciadas por qualquer pessoa, sem barreiras ou limitações.

Muitas vezes, essas “limitações” são características da pessoa, ou seja, uma deficiência biológica que a impede de realizar a atividade de forma esperada. Para tanto, não enxergar, biologicamente, não significar que a pessoa não possa ter acesso às imagens, aos conhecimentos e toda a cultura visual que existe. Estamos cercados de cultura visual: na televisão, na escola, na rua, nas comunicações e tecnologias que utilizamos. Disponibilizar e permitir esse acesso é o caminho que os educadores e mediadores da área de Artes devem seguir. Possibilitar o acesso às obras de arte, bem como o espaço físico de contextos culturais é de extrema importância para a vivência das pessoas com deficiência visual.

Figura 1 — Visitante com deficiência visual em contato com escultura na Design Weekend



Fonte: <<http://designweekend.com.br/galeria-tatil-arte-para-pessoas-com-deficiencia-visual>>. Acesso em: 02 set. 2019.

Educadores e profissionais da arte, ao compreender a deficiência visual e as características individuais de cada ser humano, fará com que o contato da pessoa com a arte seja proveitoso. Sabe-se que o ser humano precisa de arte na vida, pois é através dela que a humanização das civilizações ocorrem. A arte visual é necessária

na formação do ser humano, visto que compreende a área do conhecimento que contribui para o desenvolvimento de habilidades manuais além de reflexão crítica sobre assuntos relacionados às culturas e às expressões artística. A arte também tem como objetivo desenvolver a autonomia do estudante na escola e a sua posição crítica pessoal em relação ao mundo.

A arte é importante na vida da criança, pois colabora para o seu desenvolvimento expressivo, para a construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento de sua criatividade, tornando-a um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos (COLETO, 2010, p. 139).

A arte ajuda as pessoas a compreender o mundo ao seu redor, auxiliando, por exemplo, na interpretação. Há lacunas que somente a arte consegue preencher através do pensamento crítico e da assimilação dos conceitos presentes em obras de arte e nos espaços culturais.

3.1 PAPEL DA ARTE NA INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: DA ESCOLA PARA O MUNDO

Tudo o que envolve o homem é humano, é social, é cultural, com limites desconhecidos. O que fazer com as condições biológicas limitadas considerando uma possibilidade ilimitada da dimensão cultural? Possibilidade ilimitada que se depara com muitas dificuldades no campo do simbólico (PADILHA, 2001, p. 4).

Artes visuais integra o âmbito de arte na Educação Brasileira, com objetivos que permite aos estudantes o acesso cultural e práticas na área que são de extrema importância para a construção do pensamento crítico dos estudantes. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's):

O aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade (BRASIL, 1997, p. 39).

É através destes parâmetros que os professores das áreas de Arte se fundamentam para os planejamentos e verificam quais são as habilidades e conhecimentos que os estudantes terão nas aulas. Neste mesmo documento, é dito que:

A educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte, ou seja, o modo como aprendem, criam e se desenvolvem na área (BRASIL, 1997, p. 45).

Pensando nisso, compreender o modo que os estudantes aprendem, criam e desenvolvem na área de artes visuais, deve-se considerar as especificidades dos estudantes, principalmente quando há pessoas com deficiência. Para os professores na rotina da sala de aula, é desafiador a inserção de estudantes com deficiência visual nas aulas de artes visuais. As adequações devem ser planejadas e direcionadas para que a construção de significados e conhecimentos sejam atingidos.

É preciso adequar-se ao um ensino multissensorial, que permita aos estudantes com deficiência visual a possibilidade de um ensino igual aos estudantes sem deficiência. Os estímulos através de texturas, aromas, formas e descrições são essenciais para o contato com a arte, pois auxiliarão na compreensão estética e conceitos que a área de artes visuais abrange. Saber sobre a importância da educação estética para os estudantes é contribuir para um desenvolvimento do pensamento e do fazer artístico, no âmbito escolar (FERRAZ; FUSARI, 2010).

Esse fazer é possível através de observação e de leitura de imagem, que segundo Ferraz e Fusari (2010), ver e observar são fundamentais para modificar e atuar no meio social. Sabendo isso, as ações de ver e observar, para uma pessoa com deficiência visual, se torna algo complexo se levar os significados destas palavras em seus conceitos primários. Sobre a ação de ver:

Ver significa essencialmente *conhecer*, perceber pela visão, alcançar com a vista os seres, as coisas e as formas do mundo ao redor. A visualização ocorre em dois níveis principais. Um deles se refere ao ser que está vendo, com suas vivências, suas experiências. O outro é o que a ambiência lhe proporciona. Mas ver não é só isso. Ver é também um exercício de construção perceptiva onde os elementos selecionados e o percurso visual podem ser educados (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 76).

Desta forma, se a visão é um sentido fundamental para reconhecer e perceber o mundo, para a pessoa com deficiência visual esse reconhecimento é limitado, devido a pouca acessibilidade que existe nos diferentes contextos que pode estar inserido. Saber ver se torna uma interpretação do mundo, através do reconhecimento das formas e coisas através dos outros sentidos. Cada ser humano reconhece e interpreta

de formas diferentes, sendo assim, uma experiência única, pois suas experiências de vida e meio social influencia nesta interpretação.

Martins *et al.* (1998, p.57) nos faz pensar sobre isso, quando escreve sobre nossas percepções em relação ao mundo visual: “Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reapresenta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário...”. Nosso histórico de experiências é o que determinará nossa leitura de mundo: nossos pensamentos e nosso fazer artístico. Se há deficiência visual, essa leitura de mundo pode ocorrer de forma perceptível aos estímulos externos e aos conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas. A ausência da visão não deve ser um empecilho para a interpretação da arte, mas uma característica que deve ser levada em consideração para uma experiência qualificada no ambiente escolar e cultural.

Como Ana Amália Tavares Bastos Barbosa escreve no livro “Além do corpo” (2014), em relação a sua experiência como professora de crianças com deficiência. A arte transcende o corpo, ultrapassa a deficiência e supera qualquer limite imposto. É interessante pensar na realidade de Ana Amália, pessoa com deficiência, ensinar um grupo de crianças com a mesma deficiência. No livro, em um pequeno trecho, há um relato de como a realidade em determinados momentos, pode ser um desafio, quando se trabalha com um público com deficiência:

ABSURDO
 SOU PROFESSORA DE ARTES DE UM GRUPO DE CRIANÇAS
 CADEIRANTES, ASSIM COMO EU.
 ESTAMOS PROGRAMANDO UMA VISITA AO JARDIM DAS ESCULTURAS
 NO PARQUE DA LUZ, A ESCOLA EM PERDIZES. SIMPLES! VAMOS DE
 TREM!
 AO PROGRAMAR UMA VISITA EU GOSTO DE FAZER, ANTES, O
 TRAJETO PARA EVITAR TRANSTORNOS. QUERIA QUE AS CRIANÇAS
 FOSSEM DA ESTAÇÃO BARRA FUNDA À ESTAÇÃO DA LUZ DE TREM,
 ESSA EH UMA EXPERIÊNCIA QUE TODO PAULISTANO DEVERIA TER,
 MAS...APESAR DE TEREM INDICAÇÃO DE ACESSIBILIDADE OS TRENS
 SÃO INACESSÍVEIS. TENTEI PEGAR O TREM, MAS OS TRÊS QUE
 PASSARAM NÃO TINHAM COMO ENTRAR POIS A DISTÂNCIA ENTRE A
 PLATAFORMA E O TREM ERA ENORME. ACHAVA QUE ISSO JAH
 TIVESSE SIDO RESOLVIDO MAS PARECE QUE NÃO! FUI DE METRÔ,
 NÃO EH A MESMA COISA!
 NÃO ENTENDO, PQ OS CADEIRANTES NÃO TEM OS MESMOS
 DIREITOS DOS ANDANTES, A ÚNICA DIFERENÇA EH A CADEIRA
 SOMOS TODOS HUMANOS! (BARBOSA, 2014, p. 93)¹³.

¹³ O texto está em caixa alta porque assim foi escrito pela autora no livro.

Este relato nos instiga a pensar sobre a acessibilidade em um âmbito maior. Por mais que planejamos e organizamos, pode ser que a acessibilidade não ocorra. Lugares que dizem ter adequação e acessibilidade, podem não ter. O que fazer nestas horas? Será que o professor deve experienciar antes os lugares para verificar se há acesso?

Infelizmente, muitos lugares não tem acessibilidade. As pessoas com deficiência, seja ela sensorial ou física, sofrem diariamente com essa situação. O professor deve ter atenção em alguns aspectos, na escolha de lugares para passeios e atividades em sala de aula, por exemplo. Não significa restringir o aluno de atividades, mas planejar e adequar os mesmos para que ocorra de forma desejada.

Tornar acessível a experiência cultural e as aulas de artes visuais significa contribuir para o desenvolvimento estético, educacional e cultural do estudante. Precisamos pensar no contexto que o estudante com deficiência está inserido e tentar mediar o acesso dele para o conhecimento.

4 CULTURA E ACESSIBILIDADE: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS DE ESPAÇOS CULTURAIS

Ao pensarmos na acessibilidade da arte para as pessoas com deficiência visual, são muitas as dificuldades a serem vencidas. No espaço de um museu, exposição e/ou espaços culturais com obras de arte, a barreira inicial que o visitante enfrenta é a de tocar nas obras de arte. Para a pessoa cega, o tato é essencial no reconhecimento das formas. O ambiente de museu se torna um lugar monótono e inconveniente para a pessoa com deficiência visual, pois se não há acessibilidade nas obras, acaba ficando subordinado a pessoas videntes¹⁴.

Um museu para deficientes visuais é um espaço expositivo e um local visual. As pessoas que frequentam os museus sabem que terão uma certa limitação em relação a mobilidade, pois o acervo normalmente fica exposto de forma que o contato com as obras seja através da visão. Essa maneira de organizar uma exposição acaba delimitando as mediações e acesso das pessoas com deficiência visual. Para isso, precisamos pensar nas necessidades educacionais especiais destas pessoas para que o acesso seja adequado e/ou planejado de forma acessível. Para o público deficiente visual, recursos táteis e auditivos são alternativas viáveis e que suprem as necessidades deste público. É importante que os museus e suas equipes de educadores e mediadores pensem sobre essas adequações, pois através disso a construção de significados e a experiência estética para a pessoa com deficiência visual será integral. Sem essas adequações, o museu será apenas um espaço sem acessibilidade, o qual a pessoa com deficiência não se interessa em visitar.

4.1 MUSEUS

4.1.1 MUSEU SMITHSONIAN DE DESIGN - NOVA YORK

Hoje encontramos algumas exposições planejadas para o público com deficiência visual. Um exemplo é a exposição de Cooper Hewitt, no museu *Smithsonian de Design*, que apresentou a exposição “*The senses: design beyond*

¹⁴ Pessoa que enxerga sem nenhuma deficiência visual considerável. MORAES, Marcia; ARENDT, Ronald João Jacques. Aqui eu sou cego, lá eu sou vidente: modos de ordenar eficiência e deficiência visual. Caderno Crh, [s.l.], v. 24, n. 61, p.109-120, abr. 2011. FapUNIFESP (SciELO)

vision” a qual através dos sentidos, principalmente a visão, o visitante vivencia as obras de *design*. Essa exposição foi exibida de 13 a 28 de outubro de 2018, que incluiu mais de 65 *designers* com o objetivo de mostrar trabalhos contemporâneos integrando o *design* como ferramenta sensorial para as pessoas, com ou sem deficiência. Através da exploração de diferentes materiais e o uso de tecnologias, os visitantes conseguiram vivenciar experiências diferentes. Foram mais de 40 objetos táteis criados para a exposição, além de ser disponibilizado o serviço de audiodescrição dos trabalhos exibidos.

Figura 2 - Imagem disponível no site Cooper Hewitt sobre a exposição



Fonte: <<https://www.cooperhewitt.org/2018/02/27/cooper-hewitt-smithsonian-design-museum-to-present-the-senses-design-beyond-vision/>> Acesso em: 05 set. 2019.

Esses cuidados pensados por este museu e exposição, com certeza a torna uma experiência acolhedora para o visitante. A pessoa com deficiência visual consegue compreender e acessar as obras de forma integral e permite a construção do conhecimento do assunto sobre aquela exposição.

Outros trabalhos disponíveis nesta exposição permitem que o visitante tenha uma experiência sensorial completa: tocar a obra, escutar, sentir o sabor, visualizar e interagir de diversas formas. Uma animação digital foi projetada para traduzir o som que os pássaros fazem em cor, que mudam de tonalidades e movimenta-se, direcionado ao público surdo. Outras obras tiveram a inserção de aromas que são utilizados como recurso para associar e criar novas experiências e lembranças aos visitantes deficientes visuais.

O mapa da exposição foi adaptado para que as pessoas cegas tivessem autonomia em relação à mobilidade, além do acesso às informações sobre a exposição.

4.1.2 MUSEU DE ARTE MODERNA ALOÍSIO MAGALHÃES (MAMAM) – RECIFE

No Museu, há um projeto nomeado de Acessibilidade ao Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães. Esse projeto tem como objetivo promover a acessibilidade para as pessoas com deficiência possam apreciar as obras de arte. O Museu tem aproximadamente 100 obras com audiodescrição e é possível acessar as audiodescrições no site. Obras de Abelardo da Hora, Gilvan Samico, Vicente Monteiro e Ladjane Bandeira são alguns dos exemplos que há descrição. Esses espaços digitais acessíveis permitem que pessoas com deficiência visual tenham acesso a informação antes de visitar ou para quem tem interesse em conhecer parte do acervo.

4.1.3 MUSEU AFRO BRASIL – SÃO PAULO

No Museu Afro Brasil, em São Paulo, há uma lista de itens relacionados à acessibilidade. Rampas de acesso, cadeiras de rodas motorizadas, espaço amplo e bancos de apoio, maquetes tridimensionais, reproduções em relevo, legendas em braille, além de educadores especializados para atender pessoas com necessidades diferenciadas.

Existe o Programa de Acessibilidade Singular Plural, que atende e organiza as visitas diferenciadas para pessoas com deficiências relacionadas à questão mental: deficiência intelectual, transtornos mentais e neuromotores, deficiências múltiplas.

4.1.4 MUSEU DO LOUVRE - PARIS

O Museu do Louvre, um dos mais famosos devido ao seu acervo com obras de arte muito conhecidas, como o quadro Monalisa, de Leonardo Da Vinci, tem se preocupado com a acessibilidade física, devido ao grande número de visitantes. Há

uma galeria chamada *Tactile Gallery*, a qual o visitante pode tocar em esculturas. Há atividade que podem ser agendadas, como visitas descritivas, permitindo a acessibilidade de pessoas cegas e baixa visão.

Além destas questões direcionadas ao visitante com deficiência visual, o museu tem cadeiras de rodas disponíveis para o uso no museu, atividades com a língua gestual francesa, *lipreading*¹⁵ ou em *Cued Speech*¹⁶.

4.2 EXPOSIÇÃO ACESSÍVEL: “CORES DO SILÊNCIO”

Outro trabalho, foi o da artista plástica Cristina Portella, nomeado de “Cores do Silêncio”. A exposição que ocorreu em vários lugares, contava com telas e instalações que podiam ser tocadas e visualizadas de perto, sem restrições em relação a equipamentos de alarmes. Foram aproximadamente 27 obras com o tema borboleta, retratadas de diferentes texturas e materiais. Os visitantes cegos ou com baixa visão eram convidados a tocar nas telas para identificarem as formas das asas das borboletas. Para os visitantes videntes, nome dado para pessoas que não tem deficiência visual, era disponibilizado vendas para que a experiência sensorial pudesse ser realizada. Além de diferentes texturas, como veludo, madeira e superfícies ásperas. A artista disponibilizou ao lado de cada tela, uma explicação em *braille* e uma descrição da tela.

¹⁵ *Lipreading*: método de leitura labial

¹⁶ *Cued Speech*: recurso visual para qualificar o método de leitura labial. É usado para discriminar sons da língua oral, quando a articulação é parecida. Exemplos na língua brasileira, o som das letras “b” e “p” são iguais, desta forma dificulta a identificação pela leitura labial. Com esse recurso, ao falar a palavra com “b”, a pessoa poderia sinalizar com o polegar no queixo, e se for a letra “p”, indicar na bochecha.

Figura 3 - Homem com baixa visual visualizando obra



Fonte: <<https://www.swissinfo.ch/por/arte-para-deficientes-visuais/6544258>> Acesso em: 10 set. 2019.

A exposição contou com monitoras com deficiência visual, desde a sua montagem até a organização das visitas de escolas. A presença da pessoa com deficiência visual na montagem e na organização é fundamental, pois é através de consultas de verificações se está ou não de acordo que trará mais funcionalidade à exposição.

4.3 ARTISTAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Os desafios encarados pelos artistas com deficiência visual são muitos. A própria inserção neste mundo artístico é de extrema dificuldade, pois existe um mercado por trás das obras e o preconceito diante das deficiências. Há uma cultura de compaixão em relação às pessoas com deficiência, que acreditam que por ser fruto de uma criação de alguém com deficiência, o produto seria melhor ou mais valorizado. Engana-se quem pensa assim, pois o artista cego, por exemplo, pode realizar criações

magníficas e criações que não são boas. Esse critério de ser bom ou não seria julgado por quem compra, quem avalia obras de arte e tem conhecimento sobre o assunto.

Na sociedade em geral, a pessoa com deficiência, muitas vezes, não é plenamente considerada diante suas necessidades quando realiza certo trabalho. Ou é colocada em parâmetros iguais aos das pessoas videntes, ou cria-se parâmetros simples que não atendem suas necessidades. Infelizmente não há um lista que rege as formas corretas de avaliar ou respeitar as individualidades das pessoas com deficiência. Nós, enquanto sociedade, devemos considerar primeiramente a pessoa, antes de sua deficiência. Precisamos sim, reconhecer a deficiência e junto com a pessoa, verificar as possibilidades e alternativas diante o que é proposto.

Para quem desafiou o que poderia ser considerado impossível, o resultado artístico destes artistas é um ensinamento sobre aceitar-se deficiente visual e utilizar recursos e conhecimentos a seu favor. O resultado disso tudo, é possível conferir nos artistas a seguir.

4.3.1 EVGEN BAVCAR

As adequações se fazem necessárias e são essenciais para que as pessoas possam realizar seus trabalhos e criações no meio artístico. É o caso do fotógrafo Evgen Bavcar, que nasceu na Eslovênia em 1946. Bavcar é conhecido por suas fotografias em preto e branco, captura a imagens de pessoas e paisagens de forma diferente, utiliza o tato e recursos para o registro de suas poéticas, devido a sua cegueira. Como ele mesmo relata em um documentário:

Fiquei cego em consequência de dois acidentes. Sou inválido de guerra. Primeiro, um acidente atingiu o olho esquerdo. Depois, um detonador de minas atingiu o olho direito. Sou realmente uma vítima de guerra, posterior à guerra. (Trecho do documentário - Janela da Alma, 2004)¹⁷

Seu amor pela fotografia e a falta da visão, não o impediu de virar um qualificado profissional. Sua empatia de compor uma fotografia é digna de elogios, não por ele ser cego, mas sim pela sua sensibilidade ao fotografar alguém. Evgen Bavcar primeiramente reconhece o ambiente, usa o tato para localizar a pessoa ou o

¹⁷ JANELA da Alma. Direção de João Jardim, Walter Carvalho. Produção de João Jardim, Flávio Ramos Tambellini. 2004. (73 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s>>. Acesso em: 10 set. 2019.

objeto que deseja fotografar, se distancia e fotografa. Existe um receio em pensar que é necessário a visão para fotografar. Mas quando você conhece o trabalho de Evgen Bavcar você muda de ideia rapidamente.

São registros que contam histórias, de quem fotografa e de quem é fotografado. Em algumas das obras de Evgen Bavcar é possível identificar como o fotógrafo se posiciona para obter uma fotografia de acordo com o que consegue tocar. Nas seguintes fotografias é possível verificar a mão do fotógrafo, que além de localizar o modelo, atribui um significado e grande interpretação para o espectador.

Figura 4 - Fotografia de Evgen Bavcar



Fonte: <<http://www.umagalerieiteimosa.com/498-2/ver/>> Acesso em: 11 set. 2019.

Figura 5 - Fotografia de Evgen Bavcar



Fonte: <<http://www.umagalerieiteimosa.com/498-2/ver/>> Acesso em: 11 set. 2019.

Uma das fotografias que destaco, para uma pequena análise é o registro que Evgen Bavcar fez de sua sobrinha (figura número 6). Ao compreender sobre sua cegueira, entre limitações físicas que poderiam acarretar na desistência de seu sonho, que é usar a fotografia como forma de expressão, Bavcar pediu para sua sobrinha que usasse um sino em seu pescoço, e que corresse em um campo aberto. Através do som, ele a fotografou, localizando-a de forma inesperada e sem saber se esta seria capturada.

Essa fotografia nos permite uma reflexão sobre as possibilidades das pessoas com deficiência visual, que mesmo com a limitação visual, não o impede de realizar e compreender o mundo ao seu redor. A estética presente no trabalho de Bavcar é uma boa definição de arte, sua percepção e a essência da composição intencional ou acidental, define e classifica o trabalho do fotógrafo como arte.

Figura 6 - Fotografia de Evgen Bavcar



Fonte: <<http://www.umagalerieiteimosa.com/498-2/ver/>> Acesso em: 11 set. 2019.

4.3.2 AMY HILDEBRAND

Amy é outra artista, que utiliza a linguagem da fotografia como sua expressão. Desenvolveu um projeto chamado de *With Little Sound*, que teve como objetivo, tirar uma fotografia por dia no período de mil dias. Em seu blog, há todas as fotografias, com sua última fotografia de número 1.000 publicada dia 12 de junho de 2012.

O interessante sobre Amy é sua história. Como Amy é albina, nasceu com grandes problemas de visão, praticamente cega. Hoje Amy consegue reconhecer cores, formas e sombras. Porém, sua deficiência visual não a impediu de realizar um grande sonho que iniciou na adolescência: fotografar. Seu trabalho é bastante eclético, porém podemos identificar uma poética na escolha dos cliques. As percepção que ela tem das coisas são retratadas nas fotografias.

Figura 7 - Fotografia número 951 do dia 23 de abril de 2012



Fonte: <<http://withlittlesound.blogspot.com/>> Acesso em: 12 set. 2019.

4.3.3 SARGY MANN

Sargy Mann foi artista durante toda sua vida, mas por mais de duas décadas ficou cego. A sua deficiência visual não o impediu de continuar pintando telas. Suas obras têm um valor de mercado muito alto, mas é a forma que é feita a pintura que tem grande destaque. Sargy criou formas de adequar a pintura para contemplar suas necessidades. Recursos como um medidor de altura e um tipo de massa de modelar é usada para marcar a tela, medindo e localizando suas pinceladas.

Figura 8 - Sargy Mann pintando uma de suas telas



Fonte: <<https://www.bbc.com/news/av/magazine-29741908/artist-sargy-mann-has-been-blind-for-the-last-25-years>> Acesso em: 02 out. 2019.

A deficiência visual não se tornou um impedimento para a criação, para a pintura, para a arte. A sua insistência e suas habilidades permitiram a continuar pintor mesmo sem enxergar nada. Sargy nos faz refletir sobre o verdadeiro sentido da arte, que seria a sua leitura do mundo. Sem visão, ele desenha, pinta e reproduz imagens que existem com o seu olhar pessoal. Reaprender a fazer as coisas que fazia de maneira diferente foi sua maneira de continuar artista plástico.

4.3.4 JOHN BRAMLITT

John Bramblitt é um artista cego, que através de técnicas que criou, pinta telas realistas e coloridas. John era vidente, porém devido a problemas de saúde, a cegueira foi a consequência. Essa consequência foi desafiadora para John. Em seu site, há relatos do artista em como foi o processo de aceitação em relação a perda da visão e responde perguntas frequentes sobre sua inserção na arte e como é pintar sem enxergar.

A sua história e o seu interesse fez com que o artista além de pintar telas, auxiliasse museus em relação a acessibilidade de pessoas com alguma deficiência. Consultorias sobre inclusão é uma das atividades que John realiza, além de palestrar e participar de treinamentos de professores sobre o mesmo assunto, promove oficinas

que desafiam as pessoas a pintar de olhos vendados. Um oficina muito interessante é de argila com cheiros, para cada cor um aroma diferente. Essas situações que John desafia as pessoas é uma forma de compreender melhor como todas as pessoas conseguem realizar as atividades de outras formas.

Seus trabalhos são obras de arte coloridas e com traços realistas. John relata em seu site que consegue identificar cada cor através das texturas. Ele explica que cores como o branco tem a textura similar a um pasta de dente, já o preto tem uma textura similar a óleo. As pessoas com deficiência visual criam formas de identificar os objetivos ao seu redor, etiquetando com *braille* ou criando formas diferentes, como assimilar com algo conhecido para elas. O artista assimila a textura, o que o torna muito autônomo durante sua criação, pois se houver acidentes, como trocar de lugar as tintas, saberá identificar as cores.

Figura 9 - John Bramblitt pintando uma tela



Fonte: <<https://medium.com/demptyspace/painting-blind-with-visually-impaired-visual-artist-john-bramblitt-43bf07ec2e3d>> Acesso em: 02 out. 2019.

Algumas das pinturas de Bramblitt são personalidades importantes como retratos de Audrey Hepburn, John William Caltrane, Riley Ben King, Muhammad Ali, personagem Coringa, Kurt Donald Cobain, Janis Lyn Joplin, entre outros.

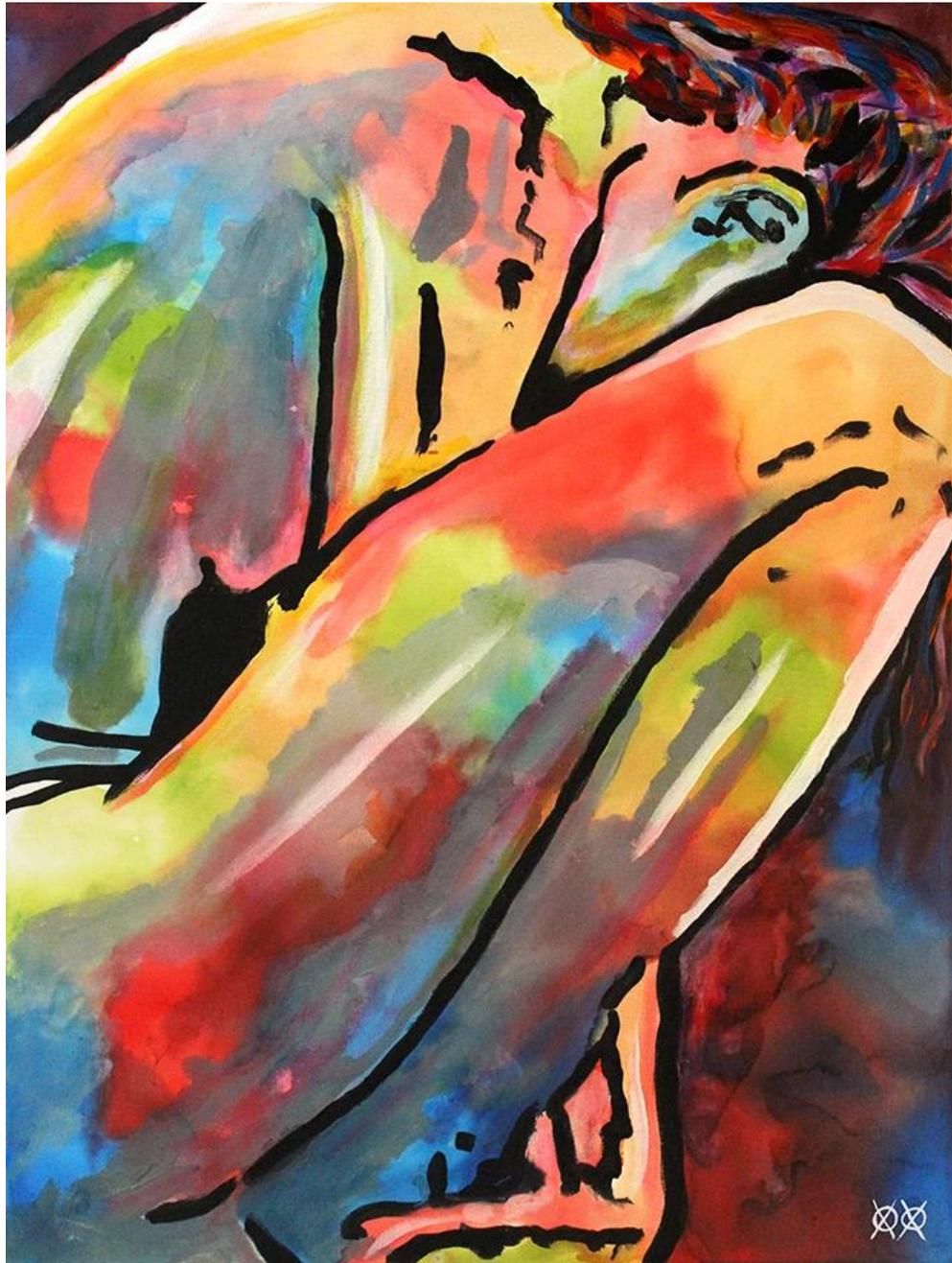
Figura 10 - Pintura nomeada de Ramones



Fonte: <<https://bramblitt.com/collections/originals/products/ramones-2>> Acesso em: 02 out. 2019.

Outras obras de John, são paisagens, animais, objetos e situações. Conseguimos observar muito mais do que a representação das coisas, conseguimos refletir sobre os assuntos retratados.

Figura 11 - Movement #5



Fonte: <<https://bramblitt.com/collections/originals/products/movement-31>> Acesso em: 02 out. 2019.

5. RECURSOS E TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

A significação de símbolos e a prática das linguagens de Arte são desafiadoras para qualquer pessoa. Para uma pessoa com deficiência visual, os desafios se diferem quando os recursos utilizados para sua inclusão não são acessíveis. Ao realizar uma leitura de imagem, por exemplo, uma pessoa vidente consegue ter acesso sozinha aos detalhes, símbolos, estilo da linguagem e entre tantos aspectos importantes que são considerados para uma leitura de imagem. Para uma pessoa com deficiência visual, principalmente pessoas cegas, a descrição de imagens e o contato com a obra quando possível (conforme a linguagem de arte) são as ferramentas viáveis para que haja uma leitura de imagem. Porém esses recursos terão de ser planejados previamente para que fique a disposição do público com deficiência visual.

Hoje em dia, com certeza, há diversas tecnologias que realizam o trabalho manual que muitas vezes eram desgastantes e demorados para tornar um item acessível para uma pessoa deficiente visual. Recursos como impressão em impressoras 3d são utilizadas para a acessibilidade de imagens bidimensionais para o público com deficiência visual. A descrição e audiodescrição, o braille e recursos digitais são algumas tecnologias acessíveis para os museus e artistas plásticos utilizarem na acessibilidade de uma exposição e obras de arte.

5.1 IMPRESSORA 3D

A impressora 3d é uma tecnologia utilizada para reproduzir objetos tridimensionais, previamente projetados em algum software. A impressora é uma máquina que utiliza como matéria prima o plástico, que através do projeto, define quantas camadas irá aplicar para criar o objeto. Essa tecnologia é muito utilizada na indústria, pois os engenheiros e criadores realizam um teste de tamanho, funcionalidade do produto através de um modelo, feito na impressora 3d. Empresas e fábricas de peças automotivas, de ferramentas, utensílios e diversas áreas optam em usar um protótipo impresso em 3d para avaliação e aprovação para então a reprodução em massa.

Para a arte, a impressora 3d é utilizada na criação de obras e adequações de outras para a acessibilidade. O Museu do Prado, em Madri, é um exemplo de Museu que através do projeto *“Touch The Prado”* utilizou a tecnologia na impressão

tridimensional de seis obras de arte famosas, incluindo pinturas de Goya, Velázquez, Van der Hamen e Correggio.

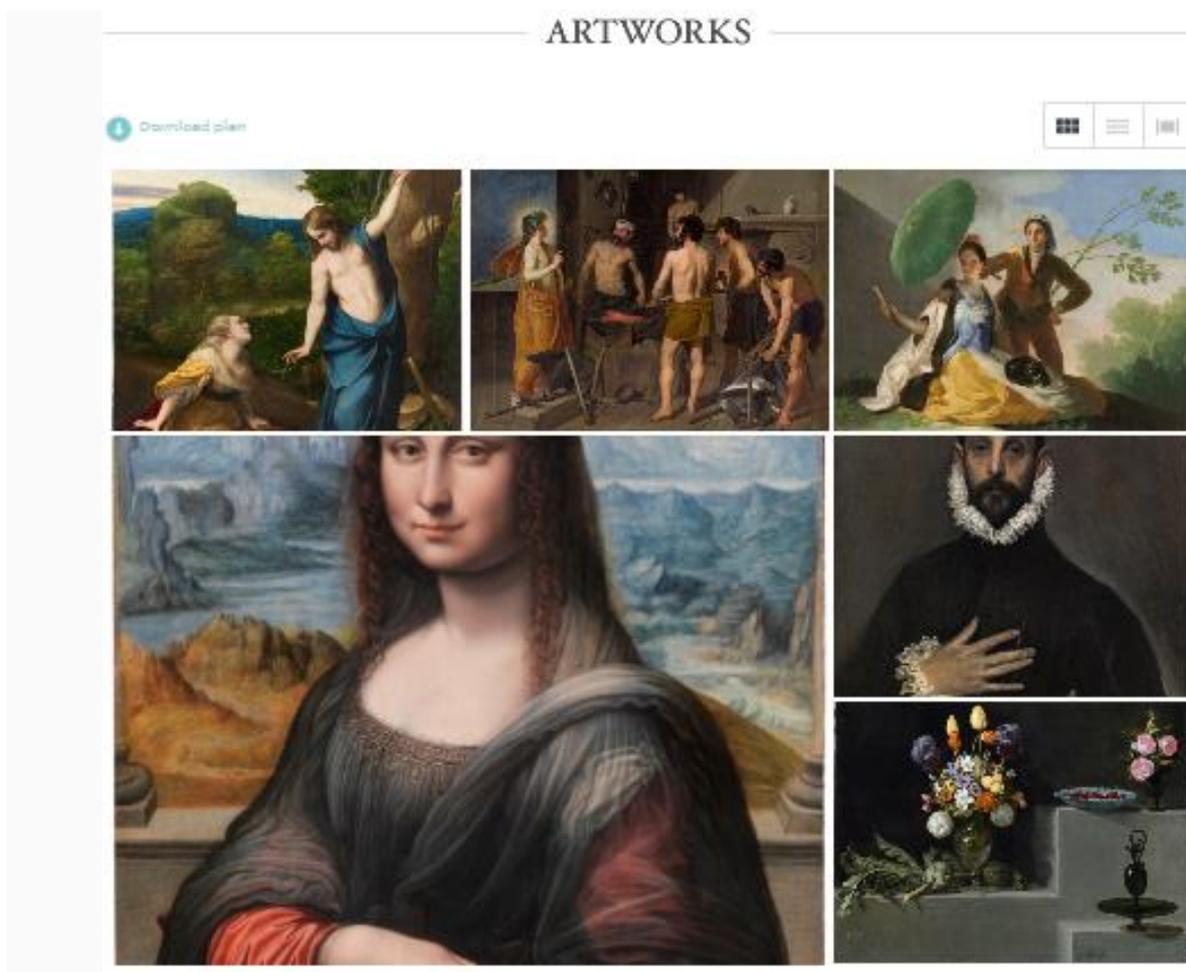
Figura 12 - Pessoa cega tocando a obra de El Greco



Fonte: <<https://time.com/3708399/blind-art-mona-lisa/>> Acesso em: 10 out. 2019.

As seis pinturas que o Museu apresenta em 3d são: Obra “*Noli me tangere*” de Correggio, “*Vulcan's Forge*” de Velázquez, “*The Parasol*” de Goya, “*The Nobleman with his Hand on his Chest*” de El Greco, “*Still Life with Artichokes, Flowers and Glass Vessels*” de Juan Van Der Hamen e “*The Mona Lisa*” versão diferente da que consta no Museu do Louvre, pintada provavelmente por um dos alunos de Leonardo da Vinci, Salaí ou Francesco Melzi (MUSEO DEL PRADO, 2015).

Figura 13 - *Print Screen* da página com as obras que são acessíveis pelo tato



Fonte: <<https://www.museodelprado.es/en/whats-on/exhibition/touching-the-prado/29c8c453-ac66-4102-88bd-e6e1d5036ffa>> Acesso em: 10 out. 2019.

5.2 AUDIODESCRIÇÃO DE IMAGENS

A AD, que significa audiodescrição, é uma prática de mediação linguística, ou seja, é uma tradução intersemiótica, que transforma imagens em dados e informações sonoras. Motta e Filho (2010, p.7) explicam que a prática dessa atividade possibilita o acesso às informações na área da cultura, além da inclusão da pessoa com deficiência visual no âmbito social e escolar. A audiodescrição não é de uso exclusivo como recurso para pessoas com deficiência visual, mas para o público idoso, com deficiência intelectual e pessoas com dislexia.

A audiodescrição e ou descrição é utilizado para informar às pessoas cegas o que elas não podem ver. Descrever algo é auxiliar a pessoa com deficiência visual a ter autonomia, para que ela possa ir além do que a deficiência determina. A utilização

da audiodescrição está presente em diversos locais e meios, como na televisão, filmes, imagens, redes sociais e propagandas.

O audiodescritor é um profissional novo no mercado de trabalho. Por ser algo ainda desconhecido para muitas pessoas, a audiodescrição é feita de forma amadora, por professores de escolas, pessoas que trabalham com o público alvo e pelas próprias famílias das pessoas com deficiência visual.

6 UMA EXPERIÊNCIA COM PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO

A Instituição APADEV (Associação dos Pais e amigos dos Deficientes Visuais) surgiu pela necessidade de educar e reabilitar as pessoas cegas e com baixa visão. Esse trabalho já tem 36 anos e atende gratuitamente os usuários que buscam a reabilitação da perda da visão e atividades que auxiliam esse processo. Como é uma Entidade Beneficente de Assistência Social, suas atividades são mantidas através de doações mensais vindas de diversas fontes privadas e de parcerias de Fundações e Empresas.

O ambiente interno da APADEV é totalmente acessível. Com piso tátil e identificação em braille, a Associação permite a livre circulação dos usuários e gera mais autonomia e segurança em relação a mobilidade. Essas características são cruciais, pois dentro da Instituição a pessoa com deficiência visual se locomove para suas atividades como psicologia, serviço social entre outras, sozinha, sem a dependência de um vidente.

Figura 14 - Mulher conduz homem cego com uso da bengala branca em piso tátil



Fonte: <<http://www.apadev.org.br/noticias/2016-04-09/instituicoes-de-caxias-do-sul-que-ajudam-deficientes-visuais-precisam-de-auxilio>> Acesso em: 12 out. 2019.

A APADEV se preocupa com a acessibilidade digital de quem busca informações, bem como de seus usuários. O site tem adequações que podem ser configuradas conforme sua deficiência visual, com controle de cores em relação ao contraste e tamanho de fonte, além de atalhos direcionados ao menu principal e busca de conteúdos.

Em relação ao contato dos usuários com museus, no ano de 2018, um grupo de pessoas cegas realizou uma visita no Museu de História Natural da UCS. Durante a visita, as pessoas cegas puderam tocar animais empalhados e cascos de animais (tartarugas e tatus). Esse acesso ao acervo do Museu permite à pessoa com deficiência visual assimilar e relacionar os conceitos explicados e identificar as formas tridimensionais dos itens.

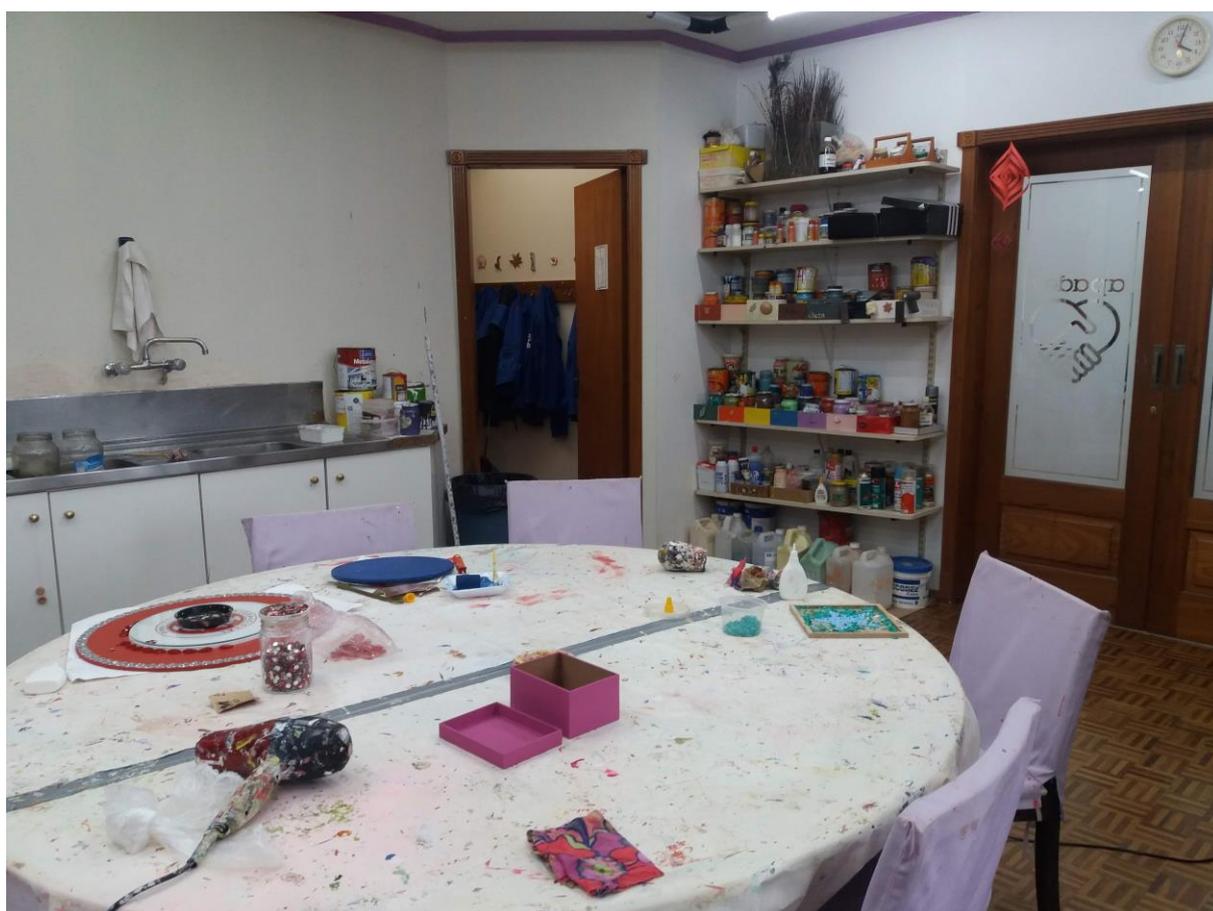
Figura 15 - Usuários da APADEV em visita ao Museu de História Natural da UCS



Fonte: <<http://www.apadev.org.br/eventos/2018-02-23/visita-ao-museus-da-ucs#evento-3>> Acesso em: 12 out. 2019.

Tive a oportunidade de realizar uma visita com intuito de observar uma turma de pessoas com deficiência visual, em uma aula de artes. Em conversa com alguns usuários sobre o contato com deles com arte e contextos culturais, foi possível compreender melhor a realidade social de alguns usuários, bem como verificar seu contato com as artes visuais. Nesta aula, os usuários estavam montando mandalas decorativas, utilizando pedrarias, pequenos azulejos entre outros materiais disponíveis na sala de escultura.

Figura 16 - Fotografia da sala de escultura da APADEV



Fonte: Acervo pessoal da acadêmica.

Conversei com um senhor, o qual perdeu a visão há três anos. Ele comentou que a aula de escultura (nome dado a esta aula) é a atividade dele favorita, pois consegue realizar com autonomia a montagem, bem como escolher a melhor forma de organizar as pedras utilizadas na mandala que cria. Como ainda tem um resíduo de visão em um dos olhos, consegue identificar algumas cores e tonalidades.

Questionei se ele frequentou algum local cultural, como museus. Ele falou que sim, visitou um museu no bairro Galópolis, e com ajuda de pessoas, conseguiu visitar o espaço sem problemas. Comentou que teatro e cinema são atividades que frequenta com a APADEV. Essas atividades são planejadas conforme disponibilidade na própria cidade, em eventos culturais voltados à acessibilidade, dispondo de audiodescrição.

Conversei com uma senhora, que é cega há 17 anos. Ela comentou que adora a aula, pois consegue criar muitas coisas. Em relação a experiência em museus, comentou que foi em uma exposição há alguns anos, que conseguiu tocar nas esculturas. Pedi para ela como é a experiência, já que era vidente, comentou que ao tocar uma escultura, consegue imaginar sua forma, como se fosse uma imagem mental da obra. Comentou que facilita se tiver audiodescrição, pois agrega detalhes que passam despercebidos ao toque.

Durante o processo de observar a aula, a professora recebeu um pedido de um dos alunos para pintar os olhos de uma passarinho de mdf. Ela pegou a tinta e pintou. Ao realizar essa ação comentou que tem coisas que não é possível que o aluno faça sozinho, que é necessário uma ajuda. Pedi se eu tinha uma sugestão para resolver essa questão. Como trabalho com adequações de materiais para deficientes visuais, comentei que, talvez, delimitando um espaço com uma marcação tátil (um círculo, por exemplo), permitiria que o aluno fizesse a pintura. A professora comentou que muitas vezes, os familiares esperam que o resultado destas mandalas sejam algo que, aparentemente seja limpo, organizado e esteticamente bonito.

A professora relatou que é bastante desafiador trabalhar com pessoas com deficiência visual. Comentou que há mais ou menos um ano que trabalha na Instituição e que no início precisou de adaptar a singularidades que cerca esse mundo da deficiência visual. Diariamente, em cada atividade é um desafio e conquistas que cada usuário supera.

A aproximação real do contexto da pesquisa auxilia na ampliação do olhar da acessibilidade. Vivenciar uma prática e conversar com pessoas com deficiência visual permitiu que pudesse compreender a verdadeira necessidade pela busca da acessibilidade nos contextos que a arte esteja inserida. A acessibilidade na arte permite para com as pessoas com deficiência visual desenvolvam a autonomia na criação e desenvolvimento do pensamento crítico.

6.1 ENTREVISTA COM OFICINEIRA

Tive a oportunidade de realizar uma entrevista com Daniela Goulart da Silveira, que é oficinaira na APADEV. Ela é estudante de Psicologia do penúltimo semestre e está cursando uma especialização em Arteterapia. A seguir, questionamentos e respostas:

1. Como foi o início: ser professora de pessoas com deficiência visual?
Foi muito difícil, pois eu não tinha experiência alguma com a cegueira.
2. Você já tinha contato ou experiência com a inclusão?
Tinha contato com pessoas com transtornos mentais. Cegueira não.
3. Como é planejar (aulas) para uma turma de pessoas cegas?
No meu caso não são exatamente aulas. São oficinas. Os alunos já vinham de uma caminhada nessa área. Fizemos muitas trocas e aprendemos juntos. Não planejo o ensino de uma técnica e sim conduzo para que eles possam produzir aquilo que desejam.
4. Qual é a sua maior dificuldade enquanto educadora/oficineira? Desafios que enfrenta...
A maior dificuldade é aceitar a limitação real da cegueira. E aliado a isso a expectativa que eles têm de fazerem produções que a família aceite e aprove como bom e bonito.
5. Como e quando você consegue avaliar o conhecimento em arte (em relação ao que é ensinado). Avaliação.
Como são oficinas, não existe uma avaliação. Observo no dia a dia o desejo deles superarem as dificuldades aceitando desafios propostos ou resistindo ao que é novo e desconfortável.
6. O que mais sente falta em relação a adequação (acessibilidade) e o que você já fez ou faz para que ocorra.

Existe um mapeamento do local das atividades, são treinados nas aulas de orientação e mobilidade para terem o máximo possível de independência. Manter os objetos sempre no mesmo local é algo fundamental

7. Já tiveram acesso (ou visitaram) a alguma exposição ou trabalhos de arte para cegos?

Exposição de escultura que puderam apreciar com o tato.

8. Do que ou de quem depende para que as mudanças no contexto da deficiência visual sigam melhorando?

Depende de cursos de capacitações para os funcionários, mas fundamentalmente do envolvimento das famílias.

9. Que mensagem você deixa para os professores, pessoas que têm contato com pessoas cegas e/ou baixa visão?

Acima de qualquer coisa, que tenha muito amor e desejo de fazer esse trabalho, pois para o profissional será preciso lidar com muitas frustrações.

Daniela relatou que são muitos os desafios que enfrenta diariamente, mas que sempre busca a opinião dos usuários na resolução de problemas. Está construindo estratégias que auxiliam neste processo de aceitação da deficiência visual e tornando esse espaço um momento agradável para os usuários.

A deficiência visual na Instituição é respeitada e reconhecida, no sentido de que a pessoa aceite seus limites e valorize suas potencialidades. O usuário é desafiado a realizar atividades diferentes e que não é acostumado a fazer em sua rotina. O acompanhamento dos profissionais de diferentes áreas auxiliam a pessoa com deficiência a entender melhor suas habilidades e incentiva a confiança em si mesmo na realização de tarefas diárias, desde alimentar-se e preparar seus alimentos, até mesmo costurar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão sempre será uma assunto desafiador para os educadores. As pessoas com deficiência visual são minorias no Brasil, sendo assim, minoria na sala de aula, também as metodologias (tradicionais e construtivistas) utilizada pelos professores, deverão ser readequadas para os estudantes com alguma deficiência. Professores de Artes Visuais serão um obstáculo ou um caminho para esses estudantes. Se conhecemos alguma pessoa com deficiência visual ou alguém que já teve alguma experiência, nos comovemos e buscamos informações sobre o assunto. Será que nós como educadores e artistas visuais não devemos pensar na inclusão das pessoas no mundo das artes? Será que apenas teremos um pensamento de empatia por essas pessoas quando tivermos a deficiência?

Diante as grandes possibilidades de fazer arte, vejo que a ação de incluir não não deve ser obstáculo na rotina escolar, mas uma conquista que deve ser feita diariamente, a cada aula e projeto. É preciso pensar e agir sobre a inclusão, sobre a acessibilidade e mais do que isso, valorizar e priorizar as potencialidades do aluno com deficiência visual.

Infelizmente, não há muita bibliografia sobre o ensino de artes visuais e a deficiência visual. Conseguimos direcionar essa reflexão através de estudos de casos e sobre a educação inclusiva. Diante deste estudo, percebi que existem lacunas quando pensamos em inclusão na escola e nos contextos culturais. A realidade escolar, com suas rotinas e peculiaridades não permite que a construção das adequações sejam feitas de forma significativa. O professor que “veste a camisa” da inclusão se doa e se permite a construir conhecimentos e experiências que farão a diferença na vida destes estudantes.

Já os locais públicos, como museus, estão cada vez mais investido na acessibilidade, o que permite a busca e interesse na área de linguagens, componente arte¹⁸, pelas pessoas com deficiência visual. Para quem busca a acessibilidade e compreende a sua importância, é muito satisfatório acompanhar essa valorização e atenção para a pessoa com deficiência visual.

Será que a sociedade está preparada para receber, educar, conviver com a pessoa com deficiência visual? É importante pensarmos sobre o acesso à informação

¹⁸ Artes Visuais, Dança, Teatro e Música. BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

para as pessoas terem conhecimento sobre as deficiências. Permitir esse acesso é essencial para que educadores, famílias e civilização em geral tenham conhecimento sobre as deficiências, servindo para que possamos ver a pessoa em primeiro lugar e não sua deficiência como definição de ser humano. Modificar o pensamento que a pessoa com deficiência não tem capacidades iguais as demais é complicado, pois como é possível rotular estudantes para que tenham as mesmas repostas? É necessário adequar sem diminuir a importância, adequar sem amenizar a dificuldade e principalmente adequar sem o julgamento.

É importante compreender que somos apenas uma parte diante o processo que é gigantesco. Dependemos muito de políticas públicas para algumas ações e da rede de apoio desses estudantes, mas é necessário se permitir a informação. Acessibilidade é um passo largo para os educadores, em relação a educação inclusiva. Então cada professor deve iniciar sua caminhada, em direção a ela. A deficiência visual não deve ser um limitador, os museus e espaços culturais também não.

A realização desse estudo permitiu que a ideia de acessibilidade em relação a deficiência visual, saísse dos conceitos básicos sobre a deficiência. Pode-se relacionar a arte com a deficiência e, principalmente, refletir como é ser deficiente em um mundo visual, também foi possível refletir sobre os desafios que as pessoas encaram diariamente, e quais são as principais lacunas que os espaços culturais, em suas diversas manifestações, ainda têm.

Este trabalho poderá auxiliar as pessoas interessadas no assunto a refletirem e modificarem algumas ações e questões arquitetônicas e atividades que envolvam a pessoa com deficiência visual. Acredita-se que algumas das dúvidas iniciais tenham sido sanadas, abrindo espaços para outros questionamentos que instigam para a busca de um ensino da arte melhor para todos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. **Além do corpo**: uma experiência em arte/educação. São Paulo: Cortez, 2015.

BRAMBLITT, John. **John Bramblitt**. Disponível em: <<https://bramblitt.com/>>. Acesso em: 02 out. 2019.

BRASIL. Governo Federal (2015). **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt3128_24_12_2008.html>. Acesso em: 03 set. 2019.

COLETO, Daniela Cristina. A Importância da Arte para a Formação da Criança. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 1, n. 3, p.137-152, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/35/34?>>. Acesso em: 16 out. 2019.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

DESCONHECIDO. **Arte para deficientes visuais**. 2008. Disponível em: <<https://www.swissinfo.ch/por/arte-para-deficientes-visuais/6544258>>. Acesso em: 09 set. 2019.

DESIGN WEEKEND (São Paulo). Semana de Design de São Paulo (Ed.). **Galeria Tátil: Arte para pessoas portadoras de deficiência visual**. Disponível em: <<http://designweekend.com.br/galeria-tatil-arte-para-pessoas-com-deficiencia-visual>>. Acesso em: 18 set. 2019.

DORINA NOWILL. **Fundação Dorina**. Disponível em: <<https://www.fundacaodorina.org.br/>>. Acesso em: 02 set. 2019.

DOMINGUES, Celma dos Anjos. **Os alunos com deficiência visual**: baixa visão e cegueira. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na educação escolar**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FORO NACIONAL DE NORMALIZAÇÃO (Brasil) (Org.). **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/pesquisas/?searchword=acessibilidade&x=0&y=0>>. Acesso em: 3 set. 2019.

HEWITT, Cooper. **The senses: design beyond vision**. 2018. Disponível em: <<https://www.cooperhewitt.org/2018/02/27/cooper-hewitt-smithsonian-design-museum-to-present-the-senses-design-beyond-vision/>>. Acesso em: 07 set. 2019.

IBGE. **Censo 2010**: Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 02 set. 2019.

JANELA da Alma. Direção de João Jardim, Walter Carvalho. Produção de João Jardim, Flávio Ramos Tambellini. 2004. (73 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s>>. Acesso em: 10 set. 2019.

LOUVRE (Paris). **Accessibility**. Disponível em: <<https://www.louvre.fr/en/accessibility>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MORAES, Marcia; ARENDT, Ronald João Jacques. Aqui eu sou cego, lá eu sou vidente: modos de ordenar eficiência e deficiência visual. **Caderno Crh**, [s.l.], v. 24, n. 61, p.109-120, abr. 2011. FapUNIFESP (SciELO)

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello Motta; FILHO, Paulo Romeu. **Audiodescrição**: Transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MUSEO DEL PRADO (Madri). **Touching the Prado**: Accessibility at the Museo Del Prado. 2015. Disponível em: <<https://www.museodelprado.es/en/whats-on/exhibition/touching-the-prado/29c8c453-ac66-4102-88bd-e6e1d5036ffa>>. Acesso em: 19 set. 2019.

NOWILL, Fundação Dorina. **O que é visão subnormal ou baixa visão?** Disponível em: <<https://www.fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficiencia-visual/o-que-e-visao-subnormal-ou-baixa-visao/>>. Acesso em: 03 set. 2019.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. **Práticas pedagógicas na educação especial**: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

RECIFE. MUSEU DE ARTE MODERNA ALOÍSIO MAGALHÃES. **Acessibilidade Mamam**. Disponível em: <<http://www.acessibilidademamam.art.br/index.html>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

SÁ, Elisabete Dias; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myrian B. C. **Atendimento Educacional Especializado**: deficiência visual. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_e_dv.pdf>. Acesso em: 21 de ago. 2019.

SÃO PAULO. GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Museu Afro Brasil**: Programa de acessibilidade singular plural. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/educacao/programas>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Eu não sei o que fazer: Práticas Pedagógicas de Artes Visuais e Educandos Cegos**. 2008. 3 v. Ppge/me Furb, Blumenau, 2008. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1230>>. Acesso em: 21 set. 2019.

SONZA, Andréa Poletto (Org.) et al. **Acessibilidade e tecnologia assistiva: pensando a inclusão sociodigital de PNEs**. Bento Gonçalves, RS: IFRS - Campus Bento Gonçalves, 2013.

APÊNDICE A – PROJETO DE CURSO

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 ÁREA DE CONHECIMENTO: Artes Visuais.

1.2 RESPONSÁVEL: Paula Antoniazzi dos Santos

1.3 E-MAIL PARA CONTATO: antoniazzipaula@gmail.com

2 DADOS ESPECÍFICOS DO CURSO

2.1 TÍTULO

Arte Inclusiva: reflexões sobre a deficiência visual nos contextos culturais e artísticos

2.2 JUSTIFICATIVA

Assuntos voltados à acessibilidade e inclusão estão cada vez mais tomando espaços nos ambientes públicos, diante o déficit que ainda temos em relação a inclusão das pessoas com deficiência. O conhecimento de arte e cultura diante as deficiências ainda é um assunto desafiador, pois há necessidades de adequações físicas e metodológicas.

A pessoa com deficiência visual, que por muito tempo ficou excluída do convívio social, está se tornando ativa e independente. Lugares como museus, escolas e espaços culturais devem estar preparados para receber e acolher estas pessoas com acessibilidade e adequações necessárias para que favoreçam a autonomia.

Este curso destina-se a professores de todas as áreas do conhecimento, principalmente da área de Artes, História e pessoas que buscam estudos sobre a acessibilidade das pessoas com deficiência visual nos contextos culturais.

2.3 OBJETIVO GERAL

Identificar as necessidades das pessoas com deficiência visual diante acervos e materiais nos contextos culturais, museus e sala de aula.

2.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre a acessibilidade nos ambientes culturais;
- Estudar autores que refletem sobre a inclusão da pessoa com deficiência em atividades artísticas;
- Conhecer o trabalho de artistas plásticos com deficiência visual;
- Reconhecer e analisar as adequações presentes em museus e exposições selecionados.

2.5 PÚBLICO-ALVO

Professores da rede pública e particular de Caxias do Sul e interessados na área de acessibilidade das pessoas com deficiência visual nos contextos culturais

2.6 CARGA HORÁRIA DO CURSO: 16h.

2.6.1 DIAS PREVISTOS: Quatro encontros semanais nas quintas-feiras.

2.6.2 HORÁRIO: 19h30min às 22h30min.

3 RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS

- Material impresso;
- Datashow;
- Computadores.

4 PROGRAMA DE CONTEÚDOS/ CONHECIMENTOS

- História da Inclusão e leis;
- Deficiência Visual e Arte: como o cego vê;
- Recursos e Tecnologias Assistivas;
- Artistas Visuais com deficiência visual: vida e obra;
- Cultura Visual: museus e exposições com acessibilidade para pessoas com deficiência visual.

5 RESULTADOS ESPERADOS

- Compreensão da importância da acessibilidade nos ambientes culturais

- Valorização da pessoa com deficiência visual e suas necessidades diante espaços culturais e processos artísticos.
- Reconhecimento de trabalhos de artistas plásticos com deficiência visual

6 REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Celma dos Anjos. **Os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello Motta; FILHO, Paulo Romeu. **Audiodescrição: Transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

NOWILL, Fundação Dorina. **O que é visão subnormal ou baixa visão?** Disponível em: <<https://www.fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficiencia-visual/o-que-e-visao-subnormal-ou-baixa-visao/>>. Acesso em: 03 set. 2019.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. **Práticas pedagógicas na educação especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SONZA, Andréa Poletto (Org.) et al. **Acessibilidade e tecnologia assistiva: pensando a inclusão sociodigital de PNEs**. Bento Gonçalves, RS: IFRS - Campus Bento Gonçalves, 2013.

APÊNDICE B – DOCUMENTÁRIO JANELA DA ALMA

O documentário “Janela da Alma”, dirigido por João Jardim e Walter Carvalho retrata a história de pessoas com deficiência visual: baixa visão e cegueira. Através de relatos de pessoas com deficiência visual de diferentes áreas, como cineasta, professor, fotógrafo, escritor e neurologista, vereador e uma atriz. O documentário traz as vivências com a deficiência presente na rotina de cada pessoa. Os personagens escolhidos para contarem suas histórias, relatam que tiveram que se adaptar a rotina profissional de suas carreiras além de adaptações que tiveram que realizar nas suas vidas pessoais.

“Vergonha!”. Essa é a resposta de uma menina, ao ser questionada quando é observada com óculos no recreio da escola. Isso nos faz pensar em como é a postura da sociedade em frente as pessoas que não estão no padrão visto em revistas, todos que fogem do comum. O ser humano não está preparado para receber e acolher o diferente. A aceitação da pessoa com deficiência visual, em relação a suas potencialidades e necessidades é um processo longo, e muitas vezes diante os desafios que encaram no dia a dia, através de constrangimentos e preconceitos, a aceitação acaba não acontecendo.

É forte algumas falas que aparecem no documentário, quando é dito que a vergonha seria uma forma de medo. Se pensarmos que o termo vergonha significa sentir-se humilhado e o termo medo como uma ansiedade perante a algo que nos deixa em perigo, essa fala mostra como ser diferente não é tão fácil assim. Para a pessoa com deficiência visual, suas características normalmente são somáticas, apresentando características físicas, comportamentais e biológicas que o diferem de pessoas videntes. Essas características, que não são por escolha espontânea da pessoa, acarretam em dificuldades sociais se não trabalhadas.

APÊNDICE C – DESCRIÇÃO DE IMAGENS

Com o intuito de tornar meu trabalho acessível para pessoas com deficiência visual, realizei a descrição das imagens diante minha experiência profissional e de um workshop que realizei no ano passado sobre audiodescrição no contexto escolar.

Início das descrições conforme lista de figuras:

Figura 1: Fotografia colorida de mulher com *headphone*. Ela está de frente para uma estátua de uma representação da cabeça e da parte superior do tronco da figura humana masculina. Ele é cego e está tocando a estátua com suas mãos, enquanto escuta a audiodescrição

Figura 2: Fotografia colorida. No primeiro plano, uma mulher de costas, ela é loira e está com os cabelos presos. No segundo plano, os braços da mulher desfocados, e repetidos. Parece estar em movimentos circulares. O fundo é preto e tem manchas brancas.

Figura 3: Fotografia colorida de um senhor de chapéu. Ele está em frente a um quadro, bem próximo de uma tela, a qual tem a imagem de uma borboleta. Ao seu redor, pessoas o observam.

Figura 4: Fotografia feita pelo artista Evgen Bavcar em preto e branco. Mostra uma mão tocando o rosto de uma estátua feminina. A fotografia tem muitas sombras.

Figura 5: Fotografia feita pelo artista Evgen Bavcar em preto e branco. Mostra uma mão tocando o rosto de uma máscara a qual uma pessoa está usando. Atrás, outra pessoa usando a máscara e segurando um leque. Ao redor, multidão. Ao fundo, construção antiga.

Figura 6: Fotografia feita pelo artista Evgen Bavcar em preto e branco. Uma criança correndo com os braços abertos em um campo. Ela está na parte esquerda da fotografia e está vestindo uma roupa branca.

Figura 7: Fotografia colorida feita pela artista Amy Hildebrand. Na parte superior, mostra uma pessoa chutando uma bola, a fotografia mostra apenas ao corpo da pessoa. Ela está aparentemente segurando um objeto que lembra uma garrafa. Próximo a ela, pessoas. O fundo é o céu claro. O restante da fotografia, é de grama verde com luz natural que reflete a cor amarelo.

Figura 8: Fotografia do artista Sargy Mann pintando uma de suas telas. Ele está de pé em frente a uma tela pintada presa em uma parede. Ele está com as mãos sob a tela.

Figura 9: Fotografia de John Bramblitt pintando uma de suas telas. Ele está de óculos escuros e as mãos sob a tela que está em uma mesa. O desenho da tela é um olho com muitas cores e o contorno é em preto. Atrás dele, outras telas pintadas com a imagem de pessoas.

Figura 10: Imagem da tela de John Bramblitt intitulada de Ramones. A pintura tem o fundo preto com pinceladas em vermelho e azul. O personagem principal é o vocalista da banda, com cabelos compridos e tonalidades em amarelo, laranja, vermelho e marrom. A roupa lembra um terno em cores azul, lilás e branco. Ele está segurando o microfone e o pedestal. No canto inferior direito a assinatura do artista que é dois círculos um ao lado do outro, com a letra “X” dentro. OBS: por se tratar de uma pintura, diversas tonalidades e cores estão presentes da imagem.

Figura 11: imagem da tela de John Bramblitt intitulada de Movement #5. A pintura tem diversas pinceladas coloridas. Há uma representação de uma mulher nua, encurvada, com o rosto coberto por seu joelho. No canto inferior direito a assinatura do artista que é dois círculos um ao lado do outro, com a letra “X” dentro. OBS: por se tratar de uma pintura, diversas tonalidades e cores estão presentes da imagem.

Figura 12: Fotografia colorida de uma pessoa em frente a uma pintura em 3d. Ao lado da obra, uma bengala branca. A pessoa usa chapéu, roupa preta e mochila.

Figura 13: *Print Screen* da página com as obras que são acessíveis pelo tato que estão disponíveis no Museu Del Prado. Montagem com a imagem das seis pinturas que o Museu apresenta em 3d: Obra “Noli me tangere” de Correggio, “Vulcan's Forge” de Velázquez, “The Parasol” de Goya, “The Nobleman with his Hand on his Chest” de

El Greco, “Still Life with Artichokes, Flowers and Glass Vessels” de Juan van der Hamen e “The Mona Lisa” versão diferente da que consta no Museu do Louvre, pintada provavelmente por um dos alunos de Leonardo da Vinci, Salaí ou Francesco Melzi.

Figura 14: Fotografia colorida de um homem cego na APADEV sendo auxiliado por uma mulher. Ela orienta o homem na utilização da bengala branca em cima de um piso tátil das cores azul e amarelo.

Figura 15: Fotografia colorida de quatro usuários da APADEV. As pessoas estão sentadas no chão. Estão tocando em um casco de tatu empalhado.

Figura 16: Fotografia colorida da sala de escultura da Instituição APADEV. No centro da imagem, uma mesa redonda com objetos utilizados na montagem de mandalas. No fundo, uma pia, uma porta aberta e prateleiras com latas de tintas e objetos.

Fim da Descrição.